AVEIRO, 11 DE JANEIRO DE 1980 — ANO XXVI — N.º 1279

Litoral

SEMANÁRIO

PREÇO AVULSO — 7$50

Director, editor e proprietário — David Cristo — Redacção e Administração: Rua do Dr. Nascimento Leitão, 36 — Aveiro (Tel. 22261) Composto e Impresso na «Tipave» — Tipografia de Aveiro, Lda. — Estrada de Tabueira — Aveiro (Telefone 27157)

DUAS FIGURAS DA AVIAÇÃO NAVAL *que Aveiro conheceu* ROGER SOUBIRAN E MARTINS GUSMÃO

JOAQUIM DUARTE

HÁ pouco tempo, com o intervalo de dias, morreram dois homens que serviram na Aviação Naval. Dois mecânicos. O francês Roger Soubiran e João Martins Gusmão, este radicado desde muito novo na Murtosa, onde faleceu. Ambos de idade avançada, deixaram este mundo naturalmente. A chamada que hoje fazemos aqui constitui uma evocação, bem singela para o seu merecimento, de dois homens dedicados à aviação, no tempo da heroicidade, na época de pioneirismo, dos aviões de tela e das cordas de piano...

Roger Soubiran veio para Portugal, trazido por Sacadura Cabral, que foi, como se sabe, quem organizou a chamada Aviação Marítima, mais tarde Aviação Naval. Como não havia na Armada mecânicos especializados em Aviação, o que só viria a acontecer mais tarde, Sacadura contratou Roger Soubiran em França e trouxe-o para Lisboa, onde foi o chefe das oficinas no Centro de Aviação Marítima do Bom Sucesso. O recrutamento de praças da Marinha deu ao técnico francês os primeiros mecânicos da Armada Portuguesa a quem ministrou as primeiras lições. E de tal sorte que os mecânicos da Aviação Naval continuaram, ao longo dos tempos, uma tradição de competência, que resultava do fruto, um tanto, desses primeiros ensinamentos.

Roger Soubiran, como chefe das oficinas do Bom Sucesso, deslocou-se a Aveiro, onde permaneceu em S. Jacinto, colaborando com Sacadura nos preparativos da viagem Lisboa-Funchal, levada a efeito em 1920, que o mecânico francês também efectuou a bordo do F-3, um hidro-avião bimotor e biplano, com coque e flutuadores nas extremidades das asas (planos) inferiores, equipado com

Continua na página 5

Corrigindo a data antecipada do Centenário de um insigne Aveirense

DR. JOSÉ MARIA DE VILHENA BARBOSA DE MAGALHÃES

EDUARDO CERQUEIRA

AVEIRO, com indesmentível sentido de cívica memoração, a que não costuma falhar, na azada oportunidade, para a evocação dos seus filhos que com mais evidência emergiram desta massa de cidadãos que não abdicam da sua dignidade, não renuncia aos seus direitos e não se esquiva ao cumprimento dos seus deveres, já aqui há perto de um ano celebrou o centenário de um dos aveirenses de nascimento que no país atingiram dilatado prestígio incomum e, com ele, renome da mais intensa ressonância. Comemorou a centúria, antes dela se cumprir, abreviando o século de quase um ano inteiro. E antecipou a celebração, supondo pecar por atraso, distraídos os promotores dessa póstuma demonstração, justíssima, de preito da terra natal, reconhecida e ufana, pelos que-fazeres absorventes da quotidiana lida, sem intervalos nem tréguas, para se levar a cabo um acervo de tarefas nunca findo.

Calhou, assim, pois que neste ensejo se há falha, provém do desejo de não deixar de cumprir uma obrigação de civismo e de recordação, digamos, familiar. E só podemos rejubilar com o afã pressuroso que conduziu ao engano, que reputamos felicíssimo, já que proporciona dobrado ensejo para relembrar essa figura insigne de aveirense e de português, de que Aveiro legitimamente se orgulha.

Em Fevereiro último, efectiva e relevantemente, com programa gizado e organizado, em todo o meticuloso pormenor para atingir o alto quilate conveniente, pelo então governador civil do distrito, Dr. Manuel da Costa e Melo, numa sessão em que nas várias facetas de dignidade moral e política e de elevação intelectual e profissional suscitaram uma digna celebração.

Nem, não obstante alguns desbordantes laivos com que surdiu por momentos pincelada de cores demasiado cruas e com um bussolar sentido ideológico exclusivista e de

Continua na página 3

Conversando com Mário da Rocha - I

«A cidade não merece o "Companha"...»

MIGUEL CARVALHO

Mas porque acabou o «Companha»? E morreu mesmo?

Dizer tudo, numa só resposta! Há respostas que respondem; outras que falam. E é, agora, uma imensa resposta. Pendurada na longa conversa sem destino, sem quê nem para quê, é um ponto de referência, um pretexto, uma tábua de salvação. Ao fim de duas horas, ainda se repetirá: **«Portanto... o «Companha» acabou porque...».** Portanto? Mas em conclusão de quê? Da discussão sobre a verdade total, a pluralidade socialista, a imanência e a negação do humano pelo indivíduo, a cultura, os fantasmas do eu?

Ora! Não é verdade que podemos elaborar questões na pura consistência verbal e deixarmo-nos ludibriar por uma resposta habilidosa?

E que respostas (questões) interessam verdadeiramente?

E deste homem sério e preocupado, o que se espera?

Será que uma palavra sua terá o mais pequeno eco, algures?

«Se um dia eu sonhasse que

Continua na página 3

O LIVRO DE SAN MICHELE-II

VASCO DE LEMOS MOURISCA

FALEI-VOS no artigo anterior, que hoje vou concluir, do famoso livro do Dr. Axel Munthe, que fui, com certeza, a primeira pessoa a ler, em Portugal.

PIERRE BENOIT, o grande Escritor francês, tem, como vereis, este modo original de começar o seu prefácio: «Se você vier visitar-me, quando da sua próxima vinda a Capri, a Capri onde se volta sempre, talvez possa explicar-me, então o que ninguém soube dizer-me até hoje: por que razão O LIVRO DE SAN MICHELE **foi traduzido em 25 línguas? Isto é mais forte do que eu, que o não consigo entender».**

Claro que BENOIT percebeu muito bem o motivo da versão em 25 línguas deste notabilíssimo LIVRO DE SAN MICHELE **um dos da meia dúzia dos mais notáveis do mundo.**

Dizem os italianos que «traduttore, traditore», aforismo a significar que cada tradutor é um traidor. E, de facto, é-o, porque a tradução é sempre uma adulteração. Sempre? Bem, eu conheço uma excepção: o texto do Eça de Queiroz no romance «As minas de Salomão» tem mais categoria, na Literatura Portuguesa, do que tem, na Literatura Inglesa, o snr. Rider Haegger, autor do livro. Não se pode dizer que o Eça tenha feito uma versão. O Eça leu o livro em inglês e escreveu-o em português. De qualquer modo, os textos portugueses e as literaturas não referem o verdadeiro autor inglês! Não garanto que Rider Haegger se escreva assim. Não leio este nome há muitos anos e estou, portanto, a referir de cor.

Voltando ao Livro de San Michele: **se o Leitor português tem possibilidade de buscar uma edição francesa (Albin Michel, Editeur) faça isso e não perca o prefácio de Pierre BENOIT. Depois de ler o livro, verá a razão desse clamoroso êxito.**

POSTAL ILUSTRADO

MIGUEL CARRUÇO

QUE vento nos empurra para o jornalismo? Será vontade de comunicar algo? Ou desabafar? Ou dar nas vistas? — Que é, na sua génese, este vento de escrevinhar?

Quando me vem à lembrança uma frase (ou profecia?) que ouvi, já lá vão quarenta e muitos tais (lembras-te oh Jorge Corte-Real, oh Adelino Pato, oh Carlos Vale Guimarães?), que ouvimos repetidas vezes ao Dr. Tavares de Lima (a quem nós chamávamos A FERA!) quando um de nós se «esticava» ao quadro, que *um estudante falhado dá sempre em jornalista de cordel*, até se me amaina dentro de mim este gosto de escrevinhar coisas!

É que estou a ver aquele professor, de cana na mão, aqueles dentes compridos e salientes, aquele sorriso sardonicamente frio... a assinar-me um atestado de incompetência!

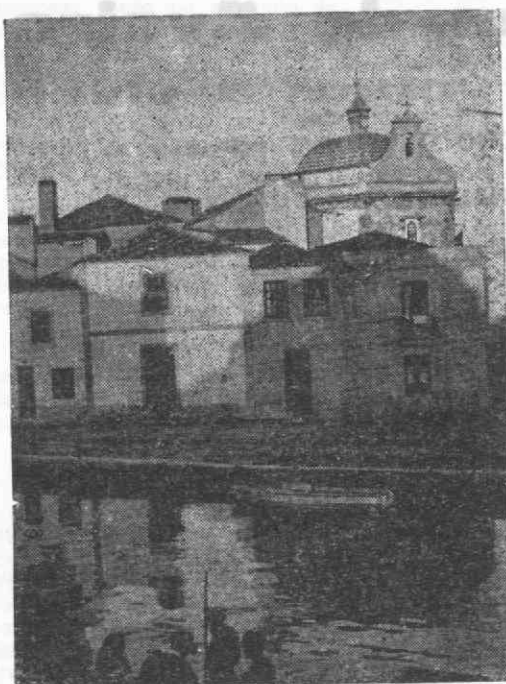
E gela-se-me o sangue nas veias...

Ai se o Dr. Tavares de Lima fosse vivo! — que boas canadas me daria pelas orelhas abaixo...

«BODAS DE PRATA»

Décima segunda Edição Comemorativa

SÃO GONÇALINHO

A José Barbosa, que foi grande devoto e cagaréu

AMADEU DE SOUSA

Há foguetes e bandeiras,
Cheiro a junco e rosmaninho.
Há cavacas e fogueiras,
Preces em São Gonçalinho.

Amarante e a nossa Aveiro,
Começam ambas por A.
Festas ao «casamenteiro»,
Só nas duas é que há!

— São Gonçalinho: aqui estou.
Com tanto assalto hoje em dia,
Inda ninguém me roubou...
Que tristeza, e que agonia.

Cavaca que me não vês...
(O meu destino é assim!)
— Nem ao menos uma vez
Nesta vida olham p'ra mim.

— São Gonçalo por que esperas,
P'ra me fazeres a vontade?
— Tenho oitenta primaveras,
Mas sou toda mocidade!

As mais novas reivindicam
O casamento também.
Porque ou todas repenicam...
Ou nem elas, nem ninguém!

Não há merenda melhor,
Ali em São Gonçalinho,
Que duas ou três cavacas,
E um bom copo de vinho.

Porque São Gonçalo tem,
Por si só, a maioria,
Toda a velha sem vintém...
Aí fica mesmo p'ra tia!

Vai cavaquinha pelo ar
Ter às mãos de quem me queira;
Se não mais vale acabar
A vida na prateleira.

Uma jovem p'ra casar,
Certa vez foi à capela,
De bengala, a coxear,
Bem disfarçada de velha!

— São Gonçalo — faz-me o jeito:
Dos noivos desimpedidos,
Quero um de cravo ao peito,
De bigodes retorcidos.

De tradições que foi ninho,
Agora quase uma resta:
— O nosso São Gonçalinho,
Que em Aveiro ainda é festa.

CAMPANHA DE NOVAS ASSINATURAS

Ao Semanário

Litoral

Rua de Nascimento Leitão, 36

Telefone 22261

3800 AVEIRO

Litoral

12 meses ☐

6 meses ☐

Marque com uma cruz a modalidade que lhe interessa

Envio cheque n.º ______

☐

do Banco ______

☐ Envio vale do correio n.º ______

Nome ______

Morada ______

Assinatura ______

Assinaturas (pagamento adiantado) — Continente e Ilhas: anual **300$00**; semestral **150$00**; Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Macau, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Timor (via aérea): anual **800$00**; semestral **400$00**; Europa (via aérea): anual **750$00**; semestral **375$00**. Espanha (via aérea): anual **475$00**; semestral **237$50**; restantes países, incluindo o Brasil (via aérea): anual **1050$00**; semestral **525$00**.

Agradecemos que os assinantes com pagamentos em atraso tenham a gentileza de os regularizar, para evitar despesas com cobrança pelo correio.

As novas assinaturas, a partir de 1980 (inclusive) deverão ser pagas adiantadamente.

VENDE-SE

PRÉDIO E TERRENO

Para construção, com 4000 m2, na Rua de Vasco da Gama, 91, em Ílhavo.

Informa: Rua de Vasco da Gama, 97 — Ílhavo, ou pelo telefone 742070 - Lisboa.

SECRETARIA NOTARIAL DE AVEIRO

Segundo Cartório

CERTIFICO, para efeitos de publicação, que em 31 de Dezembro de 1979, de fls. 30 v.º a 33 v.º do livro de escrituras diversas N.º A-471, deste Cartório, foi lavrada uma escritura de justificação em que António Nunes Morgado e esposa Rosa Fernandes Rato, moradores na Gafanha de Aquém, freguesia e concelho de Ílhavo, ele natural da freguesia de Aradas, deste concelho, ela de Ílhavo e casados sob o regime de comunhão geral de bens, declararam: Que são donos com exclusão de outrem do seguinte imóvel:

Terra de cultura com pinhal (outrora com duas leiras), na Cabreira, referida freguesia de Aradas, — a confrontar pelo norte com João Francisco da Silveira, sul com estrada, nascente com Francisco Duarte Ferrão e poente com Henrique Nunes de Oliveira, inscrita na matriz predial respectiva sob o art.º 2.791, com o valor matricial de 5.720$, formada pelos descritos na Conservatória do Registo Predial deste concelho sob os n.ºs 13.064 e 13.065, respectivamente a fls. 172 v.º e 173 do L.º B-37, cujo direito de propriedade se encontra definitivamente inscrito a favor de Helena de Jesus Canha, que foi casada com João Augusto e moradora no sobredito lugar de Aradas, pela inscrição n.º 4.323 do L.º G-7, de 16 de Novembro de 1893 e averbado na matriz em nome de Manuel Marques da Costa, a que vai fazer-se referência adiante.

— A titular da inscrição de propriedade, dita Helena de Jesus Canha, vendeu o referido prédio a António Nunes da Maia, que foi casado com Ana Rosa de Jesus e morador em Santiago, desta freguesia da Glória, por cerca do ano de 1924, o qual, por sua vez, juntamente com a esposa, que também usava assinar Ana de Jesus Cardoso, fez doação do mesmo à filha Glória Nunes Morgado, por conta da legítima desta e por escritura de 9 de Dezembro de 1955, iniciada a fls. 6 v.º do livro de notas n.º 318 do ex-Notário Dr. Morais Bettencourt, livro este no Arquivo do 2.º Cartório da Secretaria Notarial de Aveiro.

Esta doação veio a ser conferida por inteiro na escritura de partilha e conferência a que se procedeu por morte do ali doador, iniciada a fls. 18 v.º do L.º n.º 420 do Cartório Notarial de Ílhavo. E por morte da donatária — conferente Glória Nunes Morgado — que, conforme pode ver-se pela referida escritura, era conhecida por Maria Nunes da Maia e Maria da Glória Nunes da Maia, mas que também usava Maria Nunes Morgado e ainda Maria Nunes Maia — procedeu-se a inventário obrigatório no Tribunal desta comarca, com o n.º 11/72, da 2.ª Secção do 1.º Juízo, cumulado com o da herança de Manuel Marques da Costa e cuja partilha foi homologada por sentença de 7 de Dezembro de 1972, transitada em julgado oportunamente, vindo o prédio a ser adjudicado ali aos justificantes António Nunes Morgado e esposa.

Para efeito de inscrição em seu nome, no Registo Predial, do direito de propriedade ao prédio mencionado no início, fizeram os justificantes porfiadas buscas no sentido de encontrar a escritura de venda que titulou a transmissão da primeira proprietária inscrita na aludida Conservatória, para o referido António Nunes da Maia, por cerca do ano de 1924, mas todas se revelaram infrutíferas. Assim, impossibilitados de lançar mão do título formal respectivo com vista ao reatamento do trato sucessivo, dadas as circunstâncias expostas, socorrem-se os justificantes desta escritura de justificação, nos termos do art.º 101 do Código do Notariado.

ESTÁ CONFORME AO ORIGINAL.

Aveiro, 3 de Janeiro de 1980

O Ajudante,

a) — **Luís dos Santos Ratola**

LITORAL - Aveiro, 11/1/80 — N.º 1279

SECRETARIA NOTARIAL DE AVEIRO

Segundo Cartório

CERTIFICO, para efeitos de publicação, que por escritura de 14 de Dezembro de 1979, inserta de fls. 56 v.º a 57 v.º do livro de escrituras diversas N.º D-35, deste Cartório, foi constituída uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada entre Luís Manuel Lopes Gonçalves e Augusto Martins da Silva, nos termos dos artigos seguintes:

1.º — A sociedade adopta a firma «SILVA & GONÇALVES, LDA.» fica com a sua sede no Bloco B, 3.º esquerdo, nos Montes de Azurva, freguesia de Eixo, deste concelho.

2.º — A duração é por tempo indeterminado, contando-se o início das operações sociais a partir de hoje.

3.º — O objecto social é a comercialização de materiais de construção e qualquer outra actividade que resolva explorar.

4.º — O capital social, inteiramente realizado em dinheiro, já entrado na Caixa Social, é de 50.000$00, dividido em duas quotas iguais de 25 contos, pertencentes uma a cada sócio.

5.º — 1 — A administração da sociedade dispensada de caução e remunerada ou não conforme vier a ser deliberado, fica afecta a ambos os sócios, desde já nomeados gerentes.

2 — Qualquer dos gerentes poderá delegar por meio de procuração, total ou parcialmente, noutro sócio ou mesmo em pessoa estranha à sociedade, os seus poderes de gerência, mas neste último caso só com a aquiescência da assembleia geral.

3 — Para obrigar a sociedade são necessárias as assinaturas dos dois gerentes ou dos seus representantes.

6.º — A cessão de quotas entre sócios é livre, a favor de estranhos carece do consentimento de quem mais for sócio.

7.º — Salvo nos casos em que a Lei imponha outras formalidades, as assembleias gerais serão convocadas por cartas registadas, expedidas com a antecedência mínima de 8 dias.

ESTÁ CONFORME AO ORIGINAL.

Aveiro, 21 de Dezembro de 1979

O Ajudante,

a) — **José Fernandes Campos**

LITORAL - Aveiro, 11/1/80 — N.º 1279

Dr. José Maria de Vilhena Barbosa de Magalhães

Continuação da 1.ª página

parcialidade acentuada no itinerário mental, deixou de ser enaltecido — e com elegante mestria, na generalidade das vozes escolhidas para o sempre oportuno louvor dos dotes em consagração. Realçaram-se os talentos da individualidade, com passadas impressas nos caminhos tomados pelo país, do homem que apostolizava ideais e ensinava a segui-los, e com saber e convicções persuadia das ideias perfilhadas do mais fundo da personalidade eminente, e as praticava na acção concreta.

E nem por se haver errado, por antecipação à data exacta que agora me propiciam para uma nova evocação, Aveiro, terra natal de um largo acervo de filhos insignes deixou de cumprir, à altura que o momento requeria, e ao nível de uma tradição e das obrigações indeclináveis, a que tão espontaneamente adere, deixou de poder ficar satisfeita consigo mesma nessa jornada consagradora de evocação e preito.

Efectivamente — observe-se e frise-se já que o ensejo fornecido pela centúria exacta haveria sobrevindo apenas no dia de remate do ano agora encerrado — em Fevereiro, e, pois com dez meses de antecedência para a totalidade centenária, com programa gizado e organizado com o pormenor conveniente pelo então Governador Civil do Distrito, Dr. Manuel da Costa e Melo — que teve para a atenta oportunidade o acelerado «vade-mecum» da memória dedicadíssima de José da Silva Portugal, cujo zelo devotado não importa que houvesse feito recuar uma data que não poderiamos olvidar — foi promovida uma sessão, ainda bem viva na lembrança de todos nós, celebrativa da memória de um dos mais eminentes vultos aveirenses deste século.

Nessa oportunidade que só poderia considerar prematura quem estivesse informado com inteira precisão da data certa, foi condignamente recordada e exaltada sobre as quais a curiosidade do cidadão civicamente interessado na causa pública lhe buscava lição normativa e incentivante e na projecção evidenciada da sua dignidade moral, intelectual, política, cívica e de exercício meticuloso das suas actividades profissionais, da melhor estirpe. E acentuou-se no tom e na forma condigna, consagratórios e exaltantes de dons, essa figura aveirense de facetados predicados, que vincou pégadas fundas, influentes e perduráveis onde quer que detidamente e a sua proverbial aplicação vincou a passagem e, no mundo público nacional, nos cimeiros lugares deixou inscrito um nome de que, felizmente, os pretextos de o recordar vão surdindo, com alguma frequência e no mundo público nacional se chamou — se chamou e chama — José Maria de Vilhena Barbosa de Magalhães.

Com o equilíbrio, a elevação e a cuidada forma, elegante, esmeradamente ponderada, exteriorizantemente comunicativa, captando novos motivos de admiração, o elogio — digamos no exacto qualificativo — de significado estilo académico coube ao Dr. Ângelo de Almeida Ribeiro, que haveria de ser um dos seus sucessores de maior prestígio e marcada acção do exemplo de acurado, amplo e penetrante estudioso das matérias da jurisprudência e da acção forense, da evocada individualidade que, naquela hora e na terra do nascimento, recebiam a incidência das atenções preiteadoras.

Celebraram-lhe, com pormenores complementares das peculiaridades opulentas de motes e sugestões, o promotor da sessão e um dos sobrinhos do consagrado vulto aveirense, este também com posição de destaque na vida nacional — o Dr. José de Magalhães Godinho, que, acaso, não soube, ou não quis, sufocar certos assomos dispensáveis de parcialismo.

●

Aveiro — suponho que por iniciativa da mesma pessoa que nessa altura organizava esta prematura celebração centenária e, nessa primeira ocasião fora designado para desempenhar funções na comissão administrativa concelhia — colocara já sob a égide toponímica do Professor Doutor José Maria de Vilhena Barbosa de Magalhães uma «arteríola» — flagrantemente desproporcionada com os merecimentos, nacionais e locais, do patrono. Na verdade, o louvável sentimento — e o gesto que o concretizou — da corporação administrativa aveirense, e dos conterrâneos que nele eram interpretados, mostram-se como que tolhidos e insatisfeitos num tão dissonante e desarmónico grau de preiteação, com uma tão mirradamente sumária e diminuta testificação de dívida confessa, de prestígio e serviços e da inicial prestação do liquidar de uma dívida de bairrismo vinculatório.

Se, efectivamente, a minha escala de valores se não desactualizou e se nas designações toponímicas, tão sujeitas a eventualidades imponderadamente determinantes, não concordo — passado que já foi um lustro — com o impulso mal sopesado da escolha da artéria no momento colocada sob a honrosa denominação de um dos raros filhos de Aveiro que secundam os progenitores em placas da toponímia do seu berço natal. E, evidentemente, não calarei a minha discordância com a concreta prova de veneração prestada com unhas tão rentes e avaras, quando venha a talho de foice. Pois é por demais evidente que esta memoração justíssima foi sugerida e aprovada na sofreguidão, sem amadurecido aferimento com que em certos momentos se acompanham, e acertam velocidades desreguladas, pelos ventos que sopram com intensidade, em sentido único, que abnubila o sopesamento das razões mais válidas.

Memorou-se, pois, mal, com flagrante mesquinhez de proporções correspondentes, a individualidade insigne nascida dentro de barreiras alavarienses, que, em sucessivas oportunidades, graças a predicados reiteradamente confirmados, ascendera, na Primeira República, a cimeiras posições de destaque e deixara marcas indeléveis na vida pública, intelectual e profissional de uma larga quadra da vida do país — que serviu com isenção e prestadia fecundidade.

Efectivara esse merecidíssimo preito, todavia, de uma forma que ficava chocantemente aquém dos méritos que intentava perpetuar, nessa forma tão entrada nos usos e que está requerendo regras e determinações, exigências definidas para uma deontologia toponímica equitativa.

Com tão avara discrepância de proporcionalidade — mais pressurosa que em directa proporcionalidade de valias — a municipalidade da histórica ocasião, nesse momento de efervescência convulsiva, não se deu à ruminação de razões selectivas para a decisão acertada. Inclinou-se, por motivos extrínsecos evidentes para uma artéria secundaríssima, na qual se sobrepõem as dominantes características de parque de estacionamento, acessível e cómodo, e quase se não verificam características de tráfego autónomo. Na verdade, se, nesse aspecto, se cinge a uma mera função de mudar de rumos, a um escoamento de subalternidade manifesta, apenas mostra o rasgado de duas únicas portas, e essas quase permanentemente fechadas.

Este facto, aliás, se me afigura antagónico, ao mais relanceado exame conclusivo do temperamento abertamente compreensivo, humanamente tolerante, dessa amplíssima largueza de princípios e feição pessoal que lhe conferiam os dons de uma esmeradíssima convivência cativante, nunca esquecida do ideário, que tinha como inabdicável, perfilhado e propugnado.

De certo modo — se me é permitida a imagem — na circunstância, o nome digno de veneranda memoração e simpatias vindouras do Professor Barbosa de Magalhães serviu sobretudo de rótulo — como que de um penso ocasional, para o que, com unilateralidade inquestionável foi diagnosticado, nos parciais fervores do ensejo, como uma mazela a causticar. O seu nome sugestivo e propulsor funcionaria no mecanismo de ocasional reparação como, digamos, um «fundilhamento» ou, quando muito, como uma «errata» reabilitadoramente docente na toponímica aveirense — que, como sobejamente se sabe, em vários pontos se mostra claudicante.

E, Barbosa de Magalhães não merecia, de certo, que o seu nome servisse apenas como mero instrumento para uma reparação circunstancial, de impulso momentâneo, de critério não convincente. Barbosa de Magalhães merecia, mormente de Aveiro, onde nasceu e de que se não esquecia, não obstante tão diversamente suscitado — e da sua Câmara — que ele não hesitou em tratar, sem qualquer doblez de transigência, lhanamente, reconhecidamente, em pleno período de vigência de uma situação política que lhe era detestadamente adversa e contumazmente persecutória dos seus lavados conceitos de cidadania.

Merecia, indubitavelmente, muito mais.

E se, pessoalmente, na altura, o manifestei, condenando o que julguei desmedidamente inapropriado e desvalioso, não julgo oportuno desperdiçar este ensejo para, em letra de forma, deixar exarada esta opinião de munícipe, inveteradamente imbuído de aveirismo. E não constituirá este exemplificativo facto do nosso claudicante sentido de valorização, um dos factos concretos e impositivos a considerar numa revisão conscienciosa, ponderada, despida de parcialismos desagregantes, da toponímia local, na qual a unilateralidade nunca, comprovadissimamente, logrou a adopção usual dos munícipes — de sempre prezada independência?

Aliás, como, se a memória me não falha, preconizou calorosamente o Dr. Francisco do Vale Guimarães — tão apegado admirador como inabalado adversário político — na «Domus Justitiae», em lugar de destaque, temos obrigação estrita e inalienável de colocar sobre o plinto que o eleve mais acima que as nossas cabeças de homens comuns, o busto de bronze perene do jurista, professor de ciências jurídicas, director e mantenedor de uma revista de jurisprudência altamente qualificada, advogado de famosas causas, ministro da Justiça que exerceu a função com o aprumo e elevação que sempre imprimia aos seus gestos e actos. Como um exemplo e representando, no acervo de títulos que abrange e conglomera, um símbolo suscitador e perene.

E, como é evidente, para não chamar à colação neste caso particular, em que há especificados méritos a relevar, os demais títulos que lhe ornaram um invulgar currículo, a muitos títulos a apontar. Mesmo, acrescente-se, no mais controvertível que a biografia de um homem em grande parte votado à acção pública faculte a um admirador — escriba das horas com que remenda o tempo vazio, e, pois, para sua apreciação e qualificação o sentimento constante, vivo e actuante da coesa família nuclear — tão profundamente radicada de aveirismo propulsor e germinativo. E nos laços familiares — em que um dia para mim honrosíssimamente inolvidável quis colocar-me num lugar quase apenas simbólico. Como num conjunto conglomerador singularizável, preso ao solo de puras seivas aveirenses, e no qual integrava com elementos caracterizados por afinidades e apegos genéticos, irremovíveis, haviam-se fixado laços identificadores, próprios dos factores genitrizes, de indestrutível solidariedade afectiva.

E propositadamente acentuo esta expressão, porque o pendor de afectividade vinculadora, nesta família aveirense que teve Manuel Firmino como patriarca, não se sobrepunha, ou antecipava, à escorreita isenção, não preteria julgamentos, onde acaso a solidariedade sanguínea pudesse figurar como um factor.

●

Este lapso de data que levou a antecipar dez meses a assinalação do centenário tem para mim esta indesperdiçável oportunidade de, com a correcção, me impor mais estas linhas dissaboridas de recordação. Cria uma nova obrigação a par da emenda que requer. De bom grado a cumpro.

Na realidade, as enciclopédias,

Continua na página 4

«A cidade não merece o "Companha"...»

Continuação da 1.ª página

escrevo como esses... que jogam com o sentimento, a emoção e mais nada... deixaria imediatamente de escrever».

Acuso-o de transformar o jornal num só estilo, numa só voz, a voz do dono. **«É grave!»**, responde. **«Mas creio que não chegou ao ponto de ser como esses...»**

Acuso-o de individualizar polémicas e de ocupar todo o espaço com esse jornalismo «dépassé». **«Ninguém deseja acabar com isso mais do que eu».**

Em todo o caso as pessoas não se transformam. E se as marcas de uma lucidez em estado bruto permanecem, no colóquio, os resultados ainda estão por conhecer ou, se se podem resumir aos artigos e conferências reunidos em livro (1), sejamos então claros: não vale a pena esperar.

— O «C» falhou (e não morreu porque espero que ele reapareça ainda no mês de Janeiro de 1980) por questões de organização redactorial. Falhou a 1.ª hipótese de organizarmos uma cooperativa de jornalistas ao serviço do distrito, enfim, ao serviço do progresso deste distrito... progresso em tudo e para tudo, é bom não esquecermos. O progresso é simples, resta saber para quem e ao serviço de quem... resta saber se é o progresso para o séc. XXI ou se é progresso para andar para trás, para a Idade Média. Ora bem, a grande realidade é que com o 25 de Abril a gente sabe o que as pessoas são. As pessoas descobrem-se. Elas têm de optar. E, portanto, imprevistamente, eu fiquei a conhecer muita coisa que nunca pensei que fosse possível, até nesta terra. Chamem-me ingénuo!?... Mas olha!, valeu a pena ver a realidade que me ensinou muitíssimo mais que os livros! Falhou, portanto, a organização redactorial porque os jornalistas aqui, pelo menos os cabecilhas do «trust» (deixe lá chamar-lhe... o «trust» jornalístico... aqueles que aqui trabalham para o jornalismo) continuam perfeitamente apenas com consciência de contratados. No fundo, mais com o mau jornalismo para serem bons profissionais, bons entre aspas, ao serviço pura e simplesmente de quem lhes paga. Um jornalista conceituadíssimo que diz: eu trabalho para quem me paga!... Enfim, tenho de acreditar naquilo que já me diziam mas que eu nunca julguei possível. Ele para um jornal faz preto, com uma notícia... e para outro jornal faz vermelho, com a mesma notícia! «Tá certo!»... «tá certo», mas vendido!

Falhou uma cooperativa de jornalistas... e é bom que se diga.

Não esqueça que Portugal ainda não deixou de ser o último país da Europa. Em tudo! Desde a pecuária até à escola, caramba! Em tudo! E não é em vão. Isto tem de se pagar juros... deste atraso. Não admira que o nosso jornalismo continue a ser do pior da Europa.

— Em termos técnicos, como especialização?

— Em termos de qualidade.

— Não se pode dizer que o «C» apareça «à frente», nesse aspecto...

— Não, não. Nem podia aparecer se não matava-se a si mesmo, estava lixado.

— Mas, apesar disso, o «C» assume-se como um jornal diferente...?

— Se não fosse para ser diferente nem valeria a pena ter tentado fazê-lo.

Então vou-lhe dizer a opinião dum amigo meu, que teve esta palavra para com o «C» e com o que concordo perfeitamente: o grande pecado do «C» é estar deslocado. Eu concordo com isso!

— Porquê? Acha que a cidade não merece o «C»?

— Não sou eu que estou em causa, mas não merece mesmo. E digo-lhe de caras: não merece. E por não merecer (eu continuo a ser dialéctico), por não o merecer é que precisa dele.

— Claro...

— E é isso que me leva à luta, está a perceber? E é isso que me leva à luta...

— Quais são os pontos mais positivos no «C»?

— Eu acho muitos negativos e prefiro dizer os negativos.

— Quais são?

— Tem muitos. Olhe, devia ser mais informativo, devia ser porventura mais variado, está muito marcado por mim e isso é um defeito muito grave... para mim é mesmo um dos mais graves... considero isso muito mau. Devia ser mais aberto. Mais aberto não no sentido em que se pudessem fazer infiltrações de cavalos de tróia... não é isso. Mais aberto, neste sentido: mais arejado, quer dizer, menos marcado por mim, no fundo, não é?

Porque quer se queira quer não a pessoa não se liberta de si mesma.

Praticamente o jornal era feito só por mim. Eu costumo ser ingénuo laracha... mas acho é que um bom jornal, para o ser, nunca pode ser um só, por muito «melhor» que este seja. Um jornal tem que ser polifónico... para não dizer a palavra estafada, pluralista.

Até porque o pluralismo... eu só o entendo... não há pluralismo para a ciência, percebe? Não há pluralismo perante a verdade! Há um pluralismo na medida apenas em que se foca ou não uma faceta da verdade que nos pode aparecer como tal...

— Mas porque é que acha que o seu jornal é bom?

— Ora bem, eu julgo que é relativamente bom na medida em que ele é necessário. E nem é aceite! É a prova evidente de que ele é necessário, quanto a mim.

Chamem-me dialéctico. Eu não tenho vergonha nenhuma de ser dialéctico, porque o sou e a vida também o é e a história!... É uma

Continua na página 4

(1) Mário da Rocha, «Tempo de Mudança», Ed. do Autor, Nov. 1979

«A cidade não merece o "Companha"...»

Conclusão da 3.ª página

das leis maiores da vida, caramba!...

Portanto, para mim, é a prova evidente de que ele é necessário e até valerá a pena. Apesar de tudo, valerá a pena.

Nós estamos, quer queiramos quer não, condenados à bipolarização. Os bons e os maus, com tudo o que isso tem de pior.

— Não vejo o bem e o mal monolíticos...

— Certo. Mas sociologicamente eles aparecem-nos como tal.

— Assim, a independência acabou-se...

— Eu faço críticas à direita, e muitas, e julgo que com bastante razão, mas faço críticas também à esquerda o que é uma chatice altamente incómoda.

— Acho que não é...

— Aí é, é! Hoje eu tenho esta glória que me sai muito cara, no dia a dia. Não estou vendido a ninguém e não tenho o apoio de ninguém. Isto hoje é, digamos, uma vaidade de condenação à morte.

— Mesmo sem enfeudamentos... ninguém tem dúvidas, ao ler o «C», da sua cor política... até partidariamente...

— É natural. É natural e se é verdade até fico satisfeito na medida em que eu, julgando que continuo a ser um espírito capaz de diálogo, enquanto sou capaz de descobrir parcelas de verdade aqui ou ali, tenho também mais ou menos a minha visão partidária, não é? Mas isso confirma que há um «dedo» demasiado acentuado no próprio jornal. E é por isso que eu o queria mais variado.

— Pode definir-se um bom jornal em termos políticos? Ou culturais?

— Eu julgo que culturais.

— Então o jornal não pode ter uma cor política. A vida não se reduz ao partidário... os partidos, tal como os conhecemos, estão em certa medida ultrapassados...

— Ora bem. Eu aí discordo perfeitamente. Eu faço uma distinção muito grande entre política partidária e política propriamente dita. E portanto o jornal é político, aí isso é! Como toda a cultura é política.

— Eu diria mais facilmente que toda a política é cultura (releva de uma cultura) do que toda a cultura é política...

— Como se queira. Eu aceito esse jogo de palavras, desde que...

— Não é jogo. Dizer que tudo é político, a política é tudo, é que me parece sem significado.

— A política pode entender-se como uma ciência e como uma arte.

— Arte?...

— A política como arte está no seu exercício, não é? A acção política é sempre uma arte. Quanto mais não seja, é sempre a arte de expor a teoria sobre a prática.

A militância. No fundo, a religiosidade que todo o racionalismo comporta... **«Sou um tipo brutalmente militante... e o que pouca gente percebe, muitíssimo pouca gente percebe, sobretudo daqueles que andam à minha volta, é a militância! Porque é uma coisa que nos transcende».** Talvez ainda, porque há uma forma de fé meramente negativa. Um «anti» cuja eficácia está ainda por demonstrar...

— Não tenho certezas, caramba! Eu sei muito mais aquilo que não quero do que aquilo que quero. E hoje sei muito bem aquilo que não quero. E é por isso que luto quase sempre contra!

Repare, não há um projecto definido no jornal. Mas isto é bom que se diga. Quando me dizem que o jornal é comunista, eu farto-me de rir. Porque são estúpidos ou então são maus, são desonestos.

E ser de esquerda, é, porque é anti-conservador.

No jornal há apenas a recusa daquilo que me nega. E não há a afirmação de um projecto e isso também pode ser mau.

— Existe algum nosso jornal que se possa considerar bom?

— Sim. Posso dizer-lhe até os nomes de dois jornais que acho bem feitos: o «Diário» e o «Portugal Hoje».

— Dois de uma esquerda óbvia.

— Não é em vão, não é em vão. Não caiem na coscuvilhice. Eu estou ansioso por ver a direita, agora, a fazer jornalismo. Sem poder dizer mal, sem poder levantar boatos, sem poder criar «bluffs» e ataques só para... «épater le bourgeois»! Estou ansioso...

Enfim, o «Companha» voltará igual a si mesmo. **«Jornal aberto aos que procuram a verdade (que é o mesmo que procurar formas humanas de sermos mais humanos)».**

— Sobretudo eu continuo a optar pelos mais fracos, pelos vencidos... não vou pelos heróis fáceis do quotidiano. O jornal vai optar por uma linha de defesa daqueles que não têm voz. E hoje, neste país, há muita gente que não a tem e sobretudo não há lugar para essa gente.

Gostaria de manter o carácter combativo, o jornal de intervenção, porque é preciso. E acho que até valeu a pena. Repare... a esquerda ganhou neste distrito.

MIGUEL CARVALHO

SORTEIO «PRÓ-QUARTEL DOS BOMBEIROS NOVOS»

Com o pedido de publicação recebemos, da Companhia Voluntária de Salvação Pública «Guilherme Gomes Fernandes», um ofício com os resultados do recente sorteio «Pró-Quartel», e que inserimos a seguir (embora aconselhando os leitores a consultar os números oficiais, na própria sede da benemérita instituição):

1.° — 16333; 2.° — 08456; 3.° — 22773; 4.° — 03219; 5.° — 06645; 6.° — 18880; 7.° — 24982; 8.° — 00486; 9.° — 11267; 10.° — 06192; 11.° — 21909; 12.° — 10210; 13.° — 15393; 14.° — 13701; 15.° — 21534; 16.° — 06292; 17.° — 09023; 18.° — 23670; 19.° — 05773; 20.° — 09697; 21.° — 06245; 22.° — 20057; 23.° — 18650; 24.° — 10283; 25.° — 16517; 26.° — 21724; 27.° — 02241; 28.° — 10056; 29.° — 20865; 30.° — 14675; 31.° — 16613; 32.° — 11169; 33.° — 08478; 34.° — 18623; e 35.° — 09644.

A CIDADE

«AUTO VIAÇÃO AVEIRENSE»

Com gentis desejos de Próspero Ano Novo, recebemos, da «Auto Viação Aveirense», um «livre trânsito» destinado aos Serviços do nosso Jornal, gentileza que se repete desde há anos — e que, uma vez mais, registamos e agradecemos sinceramente.

TEATRO DE AVEIRO em evidência

Solicitando a respectiva divulgação, recebemos do CETA — Círculo Experimental de Teatro de Aveiro —, o seguinte texto:

«Como é do conhecimento geral, realizou-se, nos dias 6, 7 e 8 do corrente mês, em Castelo Branco, a 2.ª fase do I Festival de Teatro de Amadores da APTA, no qual esteve representado o nosso Distrito pelo Grupo de Teatro do Orfeão de Águeda, com a peça «A Noite dos Assassinos», de José Triana, que foi apurada pelo júri distrital, que considerou, a seguir, o CETA, com a peça «A Amizade Bate à Porta», de Sidónio Muralha, e o Núcleo de Teatro da Casa de Pessoal da Caixa de Previdência, com a peça «Seguro de Vida», de Gervásio Lobato».

Campanha de Solidariedade para com as VÍTIMAS DO SISMO DOS AÇORES

Os utentes da C. B. (abreviatura de «Citizen Band», a banda da rádio que pode ser utilizada pelos cidadãos) do Distrito de Aveiro promoveram, com o apoio de entidades autárquicas locais, uma campanha de recolha de fundos destinados a minorar as vicissitudes que sofrem as vítimas do recente sismo registado nos Açores.

Assim, todos quantos quiserem participar nessa manifestação de solidariedade deverão entregar os seus donativos nos dias 12 e 13, sábado e domingo próximos, nas sedes das Juntas de Freguesia ou na Câmara Municipal de Aveiro (que estarão abertas expressamente para esse fim). O Município de Aveiro encaminhará, seguidamente, o total da quantia apurada para o Gabinete de Recolha criado pela Presidência da República para essa finalidade.

Espera-se que, uma vez mais, a população aveirense exprima a sua nunca desmentida capacidade de auxílio a quem dele, como no caso, tanto necessita.

CURSOS DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL AGRÍCOLA

A Direcção Regional da Beira Litoral, através do seu Centro de Formação Profissional Agrária, da Gafanha da Nazaré, promoveu dois cursos: o primeiro, de Iniciação Agrícola, teve início no dia 7 do corrente, destina-se a jovens agricultores, com idade compreendida entre os 18 e os 30 anos, e terá cerca de três meses de duração; o segundo, de Empresários Agrícolas, começará no dia 14 deste mês, e prolongar-se-á por dois anos.

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DA SOCIEDADE RECREIO ARTÍSTICO

Hoje, dia 11, pelas 21 horas, na sede da Sociedade Recreio Artístico, à Rua de Gustavo Ferreira P. Basto (Aveiro), realiza-se a Assembleia Geral Ordinária daquela instituição, com a seguinte ordem de trabalhos: a) — aprovação do Relatório e Contas do Ano de 1979; b) — tratar de qualquer assunto de interesse para a Sociedade; eleição dos Corpos Gerentes de 1980. Não comparecendo número legal de sócios para poder funcionar a Assembleia, à hora designada, esta funcionará uma hora depois, com qualquer número de associados, podendo então deliberar.

CARTAZ DOS ESPECTÁCULOS

— Cine-Avenida

Sexta-feira, 11 — às 21.30 horas — DOCES GAROTAS — Interdito a menores de 18 anos.

Sábado, 12; e Domingo, 13 — às 15.30 e 21.30 horas — A GRANDE CARRAPATA — Não aconselhável a menores de 13 anos.

Segunda-feira, 14 — às 21.30 horas — O HERDEIRO DE KUNG-FU — Interdito a menores de 13 anos.

Terça-feira, 15 — às 21.30 horas — O GRANDE ACONTECIMENTO MATILDE — Não aconselhável a menores de 13 anos.

Ambulância nova para «BOMBEIROS VELHOS»

Foi já entregue, à Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Aveiro («Bombeiros Velhos») uma ambulância «Citroen 2500 D», oferecida àquela prestimosa Coproração pelo sr. Manuel Marques Pedrosa, que deste modo evidenciou, uma vez mais, a sua generosidade para com os «Soldados da Paz» aveirenses.

«O CONCELHO DA MURTOSA»

O nosso prezado colega «O Concelho da Murtosa», quinzenário que sempre lutou denodadamente pelos interesses do seu concelho, entrou no 54.° ano de publicação.

Ao seu Director, António Joaquim Ferreira, assim como a todos os seus dedicados colaboradores, endereça o «Litoral» fraternais saudações.

«SOBERANIA DO POVO»

Completou 101 anos de vida o dinâmico semanário «Soberania do Povo» fundado por Albano de Mello e actualmente dirigido por Celestino Viegas. Trata-se, realmente, como se assinala na sua edição comemorativa, de um «facto histórico na Imprensa Regional do País». Por esse motivo (e não só...) aqui fica registado o nosso abraço de parabéns, extensivo a todos os colaboradores desse importante semanário aquedense.

Dr. José Maria de Vilhena B. de Magalhães

Conclusão da 3.ª página

as mais cuidadas que por aí andam nas nossas mãos e sob as nossas vistas desejosas de aprender, também informam erroneamente da data do nacimento do Professor Dr. José Maria de Vilhena Barbosa de Magalhães.

Uma anterioriza-o de um ano exacto. Outra, mais próxima da realidade — extraída do livro autêntico, com toda a exactidão textual e adiante reproduzida segundo o assento de baptismo — dá-o como nascido dois meses precisos mais cedo do que efectivamente sucedeu.

Na realidade, este insigne aveirense nasceu — como a seguir se testifica — em 31 de Dezembro de 1879. E, observe-se, de corrida, em condições que fizeram recear pela sua sobrevivnêcia. E esse temor, que felizmente não teve confirmação, determinou um baptismo de emergência, pela própria parteira que assistiu ao delicado nascimento. Ficaram, na ocasião, ambos os factos documentados. E, com esse passo biográfico, de reposição da verdade precisa, me julgo satisfeito, pois me traz a reafirmar os múltiplos motivos de admiração e simpatia que mantinha por José Maria de Vilhena Barbosa de Magalhães e conservo pela sua memória.

EDUARDO CERQUEIRA

Do livro de assentos de baptismo da freguesia da Vera-Cruz, da cidade de Aveiro, do ano de 1880, sob o número 23, a fls 12 e 12v:

Ao quatro dias do mez de Março do anno de mil e oitocentos e oitenta, n'esta egreja parochial da Vera-Cruz da cidade de Aveiro e concelho e diocese da mesma, com previa licença do Excellentissimo Prelado, baptisei solemnemente sub conditione, por ter sido baptisado à nascença pela parteira Rosa de Santa Maria, viúva, moradora nesta freguesia, e puz os Santos oleos a um individuo do sexo masculino a que dei o nome de José Maria e que nasceu n'esta freguezia às cinco horas da tarde do dia trinta e um do mez de Dezembro de mil e oitocentos e setenta e nove, filho legítimo de José Maria Barboza de Magalhães, bacharel formado em Direito e de Dona Maria José de Vilhena de Almeida Maia e Magalhães, que se emprega no governo da sua caza, naturais d'esta freguesia, parochianos da mesma, moradores na rua da Vera-Cruz e recebidos n'esta mesma freguesia; neto paterno de José Maria de Magalhães e de Dona Anna Maria da Encarnação Barboza de Magalhães, e materno de Manoel Firmino d'Almeida Maia e de Dona Maria d'Arrabida de Vilhena d'Almeida Maia. Foi padrinho o dito avô materno Manoel Firmino d'Almeida Maia, cazado, proprietario, e madrinha Nossa Senhora do Amparo, tocando na sua coroa a supradita avó materna Dona Maria d'Arrabida de Vilhena d'Almenda Maia, moradores n'esta freguesia, os quaes todos sei serem os proprios. E para constar lavrei em duplicado este assento que depois de ser lido e conferido perante o padrinho e representante da madrinha comigo assignam.

Aveiro 6 de Março de 1880, e oitenta.

O padrinho — Manoel Firmino d'Almeida Maia.

Maria d'Arrabida de Vilhena A.da Maia.

O Encomendado — Daniel Tavares Nogueira.

Cartões de Visita

DOENTES

● Foi operado no Hospital de Aveiro, encontrando-se já em sua casa, em vias de franca recuperação, o nosso bom amigo Florentino Nunes da Maia, considerado aveirense, ligado por sua devotação, a instituições locais, designadamente aos inesquecíveis grupos cénicos do Clube dos Galitos.

● Felizmente podemos referir aos numerosos leitores que se nos têm dirigido pedindo informações acerca do estado de saúde do Dr. Artur Alves Moreira, que o distinto clínico e ilustre aveirense vem a melhorar sensivelmente, desanuviando-se as iniciais perspectivas que chegaram a alarmar toda a cidade, onde é tão querido e admirado.

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

Sexta	MOURA
Sábado	CENTRAL
Domingo	MODERNA
Segunda	ALA
Terça	AVEIRENSE
Quarta	AVENIDA
Quinta	SAÚDE

Das 9 h. às 9 h. do dia seguinte

EMPOSSADOS OS ELEMENTOS DAS NOVAS ASSEMBLEIA E CÂMARA MUNICIPAIS

Com a presença do Governador Civil, Eng. Joaquim Mendonça, foram empossados, no Salão Nobre dos Paços do Concelho, os elementos da nova Assembleia Municipal e, seguidamente, os que integram a nova Câmara, que continua, de acordo com o resultado das eleições, sob a presidência do Dr. José Girão Pereira. Os cabeças de lista do PSD e do PS, respectivamente o Comandante Faria dos Santos e o Dr. Nelson Mota, também fazem parte do elenco municipal.

No decurso da cerimónia, Soares Machado, Presidente cessante da Assembleia Municipal, e o Dr. Girão Pereira tiveram palavras de reconhecimento pelo labor e pela colaboração sempre generosamente concedidos pelo Governador Civil.

Alfredo Rodrigues, Secretário da Câmara Municipal, leu as actas de posse de ambos os actos, após o que os membros eleitos prestaram o compromisso de honra e assinaram as respectivas actas.

Quando da entrega de poderes, Soares Machado começou por formular um voto de pesar e solidariedade para com as vítimas do sismo nos Açores, após o que salientou que os interesses político-partidários não deverão prejudicar, de modo algum, o progresso e o bem-estar de Aveiro. Referiu-se, depois, à urgente necessidade da construção da estrada Aveiro-Viseu-Vilar Formoso, assim como à ampliação e reestruturação do porto — dois aspectos da máxima importância para o desenvolvimento local, regional e nacional. Ao «passar o testemunho» ao novo Presidente da Assembleia Municipal, Eng. Branco Lopes, solicitou, ainda, à nova Câmara, que não se poupasse a esforços para concretizar essas e outras obras, a bem do Concelho.

Por sua vez, o Dr. Girão Pereira, reconduzido no cargo de Presidente do Município Aveirense, afirmou o seu espírito de lealdade e cooperação para com o Executivo Camarário agora eleito, garantindo estar convencido de que, tal como acontecera com o anterior elenco, o agora empossado trabalhará com entusiasmo e capacidade de colaboração no sentido de resolver muitos dos problemas que ainda existem no Concelho.

Acrescentou, ainda, palavras de enaltecimento da actividade da Assembleia Municipal cessante, pelo interesse sempre evidenciado na solução dos casos que foram surgindo no decurso do seu mandato e de acordo com a competência cometida a essa autarquia local.

Para ontem, dia 10, à hora do encerramento desta edição do «Litoral», estava marcada a distribuição de tarefas aos elementos do novo elenco camarário.

O «S. GONÇALINHO»

Em pleno coração da Beira-Mar, ali perto do terreiro onde se levanta a modesta capelinha hexagonal de «S. Gonçalinho», ouviram-se, há mais de trezentos anos, os passos cadenciados e o cantochão litúrgico duma comunidade de carmelitas descalços, muito conceituada ao tempo, ainda que pouco numerosa.

Rareiam hoje os vestígios do convento e do templo primitivo; e, na vez dos cânticos fradescos, ouve-se agora para aqueles lados o permanente cantar de tagarelices, ralhos e praguedo ingénuo dos marnotos e das salineiras, dos pescadores e das peixeiras — que todos eles cantam quando falam, articulando as palavras a ritmo e a afinar — pela escala musical que o marulho das águas leva, dia e noite, aos seus ouvidos.

... ...

Ao que parece, o «S. Gonçalinho» firmou, desde tempos imemoriais, o seu prestígio de milagreiro nas almas crentes da Beira-Mar. Particularmente invocado para a cura das doenças de ossos, não recusa o bom do santo, porém, o seu celestial patrocínio na resolução matrimonial dos amores tardios — o que parece atear despeito nas jovens casadoiras: «S. Gonçalo de Amarante,/Casamenteiro das velhas,/ Por que não casais as novas?/ Que mal vos fizeram elas?!».

... ...

Amanhã, uma chuva de cavacas cairá, uma vez mais, da platibanda da venerável capelinha. Poucos irão deter-se a pensar que o curioso e típico uso, todos os anos ali renovado, vem, porventura, da distância de três séculos...

(in «Litoral» de 15/1/55)

OS FESTEJOS DESTE ANO

Prosseguem os festejos de 1980, em honra de S. Gonçalinho, de acordo com o programa genérico já inserto em anterior edição do nosso jornal, havendo a destacar: Hoje, dia 11: às 9 horas — alvorada, com salva de 21 «tiros», seguida de Missa; às 21.30 — arraial, com o Conjunto «Imperial de Vagos»; às 23 — fogo preso. Amanhã, dia 12: às 9 horas — alvorada, com salva de 21 «tiros», seguida de Missa; às 21.30 — arraial, com os Conjuntos «Central Orquestra» e «Marinheiros de Ovar». Dia 13: às 9 horas — alvorada, com salva de 21 «tiros»; às 10 — arruada, com a «Fanfarra do Centro Paroquial de S. Bernardo»; às 12 — Missa Solene, abrilhantada pelo «Grupo Coral da Capela do Senhor das Barrocas»; às 15 — Ladainha; às 16 — chegada da «Banda Imparcial 15 de Janeiro de 1898», e lançamento de cavacas; às 21.30 — arraial, com participação das Bandas de Música «Sociedade Imparcial 15 de Janeiro de 1898» e «Bingre Canelense»; às 23 — fogo aquático. Dia 14: às 9 alvorada, com salva de 21 «tiros», seguida de Missa; às 16 — cavalhadas, com participação do Conjunto «Monte Carlo Show»; às 19 — Entrega do Ramo aos mordomos para o ano de 1981; às 21.30 — arraial, com os Conjuntos «Os Pavões» e «Splash»; às 23 — fogo de artifício.

FUTEBOL CLUBE DO BOM-SUCESSO

Assembleia Geral Ordinária

Ao abrigo do parágrafo 1.º do Art.º 16.º dos Estatutos, convoco todos os sócios do Futebol Clube do Bom-Sucesso, no pleno gozo dos seus direitos, a reunirem-se em Assembleia Geral Ordinária, no dia 19 de Janeiro de 1980, pelas 20 horas, no Restaurante «Casa Abílio Marques», no Bom-Sucesso, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

a) — Apreciação, discussão e votação do Relatório e Contas de 1979;

b) — Eleição dos Corpos Gerentes para 1980. De acordo com o Art.º 22.º, haverá antes da ordem de trabalhos, um período de 30 minutos para tratar quaisquer assuntos de interesse para o Clube.

Não havendo maioria absoluta de sócios à hora marcada, a Assembleia funcionará 1 hora depois com qualquer número.

Bom-Sucesso, 27 de Dezembro de 1979

O Presidente da Assembleia Geral,

a) — Duarte da Rocha

HOMENAGEM DE CACIENSES A AUTARQUIAS LOCAIS

No decurso de um jantar de confraternização, a realizar no restaurante «Galo d'Ouro», desta cidade, no dia 13 do corrente, um grupo de cacienses prestará homenagem à Câmara Municipal de Aveiro e à Junta de Freguesia de Cacia. As respectivas inscrições podem ser feitas no estabelecimento de António Duarte, em Cacia, e na Casa Carapinheira, em Sarrazola.

BAILE DE FINALISTAS DO LICEU DE JOSÉ ESTÊVÃO

No dia 28 do corrente, realizar-se-á, pelas 21 horas, no Ginásio do Liceu de José Estêvão, o seu Baile de Finalistas, com a participação dos Conjuntos «Mandrágora», de Aveiro, e «Renovação», de Lisboa.

«Bodas de Diamante» do CLUBE DOS GALITOS

Festejando ainda os seus 75 anos, o CLUBE DOS GALITOS vai promover, no dia 25 de Janeiro corrente, um jantar comemorativo, com o qual se encerrarão as Comemorações das «Bodas de Diamante».

Dentro em breve, serão divulgados mais pormenores sobre esse festivo jantar, estando as inscrições abertas, desde já, na sede do Clube.

CETA - Círculo Experimental de Teatro de Aveiro
Rua das Tomásias, 16

CONVOCATÓRIA

Convocam-se os sócios no gozo pleno dos seus direitos, para nos termos do artigo 13.º dos Estatutos, reunirem em Assembleia Geral Ordinária, pelas 21.30 horas do dia 26 de Janeiro de 1980, com a seguinte Ordem do Dia:

— discussão, apreciação e votação do relatório e contas da Direcção, referente ao ano de 1979;

— eleição dos corpos gerentes para o ano de 1980.

Nos termos estatutários, se não houver número legal de presentes, realizar-se-á a mesma meia hora depois com qualquer número.

Aveiro, 9 de Janeiro de 1980.

O Presidente da Assembleia Geral

a) António Neto Brandão

AGRADECIMENTO

MARIA FERNANDA SANTOS PINHEIRO

Vem, por este único meio — dada a impossibilidade de o fazer pessoalmente —, manifestar a sua gratidão e reconhecimento a todas as pessoas que, no decurso da sua doença, intervenção cirúrgica e convalescença, tiveram a gentileza de lhe manifestar o seu carinho e amizade.

Duas figuras da Aviação Naval

Continuação da 1.ª página

motores «Rolls-Royce», adquirido em Inglaterra pelo Ministério da Marinha.

Em S. Jacinto, dados os seus conhecimentos de mecânica, já avançados em relação à época, Soubiran teria estado na valorização profissional do pessoal ao tempo nas oficinas da Base.

Os preparativos para a viagem Lisboa-Funchal, precursora no que respeita a navegação da I Travessia Aérea do Atlântico Sul, relacionavam-se mais com a experiência dos F-3, relativamente ao peso que poderiam suportar na descolagem, além de 4 tripulantes (Sacadura, Gago Coutinho, Betencourt e Soubiran). Como se sabe, a relação sustentação-peso é factor importantíssimo no avião, e muito mais naquele tempo em que tudo era necessariamente empírico, pois a aviação dava, por assim dizer, os seus primeiros passos. S. Jacinto fora o local escolhido, porque, em Lisboa; no Bom Sucesso, no Centro de Aviação, ainda não existiam hangares para a recolha dos hidros. Nem hangares, nem plano inclinado para os içar para terra. Por outro lado, a excelência das águas calmas da Ria, em relação à «carneirada» que se verifica normalmente no Tejo, levou Sacadura a optar pelos treinos de descolagem e de consumos na região de Aveiro, onde Gago Coutinho também se deslocou, a fim de ensaiar o seu «sextante», instrumento de precisão que permitia navegar no ar com a mesma certeza que os navios nó mar. De resto, na viagem ao Funchal e depois ao Rio de Janeiro, a conjugação dos conhecimentos do piloto Sacadura Cabral, do navegador Gago Coutinho e do mecânico Soubiran constituiu o segredo dos êxitos registados e que haveriam de projectar bem longe o nome de Portugal nos domínios da aeronáutica, e de modo especial em terras do Brasil.

João Martins Gurmão, que fez a viagem pelo mar, integrado na marinhagem do navio de apoio «República» de assistência ao voo transatlântico, integrou-se mais tarde na aviação e, como mecânico, especializou-se em fotografia aérea, em que se notabilizou, não só no ar, mas também e, principalmente, em trabalhos de laboratório. Passou a maior parte do seu tempo em S. Jacinto. Fotografou centenas de vezes a bordo dos Fleets, Tigers, Avros, Grummans e Beechcrafts, que equipavam a Escola de Aviação Naval «Almirante Gago Coutinho».

A História nem sempre regista factos que deveriam merecer, sem dúvida, o relevo que não lhes é dado. Sirva, ao menos, este despretencioso apontamento para rememorar, quanto mais não seja, dois homens que, servindo a aviação em S. Jacinto, sobrevoaram Aveiro, saudando a terra que os abrigou mais ou menos tempo, numa época de heroicidade e pioneirismo.

JOAQUIM DUARTE

FALECERAM:

● No dia 19 de Dezembro último, faleceu, na Casa de Saúde da Vera-Cruz, vitimada por uma trombose, a sr.ª D. Maria Luísa Dias Vilar.

A saudosa extinta deixou viúvo o conceituado comerciante local sr. Vinício Sucena Vilar.

Foi a sepultar no dia 21 no Cemitério Central.

● O reputado comerciante da nossa praça, sr. Manuel Alves Dias, faleceu, no dia 24, com a provecta idade de 81 anos.

O venerando extinto, viúvo da saudosa D. Albertina Rodrigues Figueiredo Dias, residia no n.º 23 da Rua do Eng.º Von Haff e foi a sepultar no Cemitério Central.

Era pai dos srs. Manuel Figueiredo Dias e Dr. Joaquim Figueiredo Dias.

● No dia 26, contando 68 anos de idade, faleceu a sr.ª D. Maria de Jesus, que residia ao n.º 18 do Largo de Maia Magalhães.

A saudosa extinta deixou viúvo o sr. Ernesto Domingues Grego e foi a sepultar no Cemitério Central.

● Com 59 anos de idade, faleceu, no penúltimo dia de Dezembro transacto, o sr. Ferdinand Francis Ferreira, competente e estimado Engenheiro Técnico, que, ultimamente, desempenhava funções na Câmara Municipal de Aveiro.

O funeral realizou-se na tarde do dia 1 do corrente, da igreja de Santo António para o Cemitério Sul.

O saudoso extinto era casado com a sr.ª D. Maria Rosa Batista Pereira Ferreira e pai da sr.ª D. Maria Fernanda Batista Ploneis Ferreira e do menino Miguel Ângelo Baptista Ploneis Ferreira.

As famílias em luto, os pêsames do Litoral

MARIA LUÍSA DIAS VILAR
Agradecimento e Missa do 30.º Dia

A família da saudosa extinta agradece, por este único meio, a quantos participaram na sua dor, particularmente aos que a acompanharam à sua última jazida. E anuncia que, no dia 19 do corrente, às 19 horas, na paroquial da Vera-Cruz, será celebrada missa de sufrágio, desde já manifestando a sua gratidão a quantos se dignarem assistir ao piedoso acto.

Aveiro, 8 de Janeiro de 1980

AGRADECIMENTO

FERDINAND FRANCIS FERREIRA

Sua família vem, por este único meio, agradecer a todos quantos, por qualquer forma, se associaram à sua dor, pelo falecimento do seu ente querido, nomeadamente às pessoas que tiveram a bondade de o acompanharem à sua última morada.

Continuação da última página

BASQUETEBOL

Atlético — Sport	126-85
Benfica — Algés	107.69
SANGALHOS — Sporting	93.90
Porto — Barreirense	77.43

Classificação

	J	V	D	Bolas	P
Sporting	11	9	2	1214-849	20
Porto	10	9	1	910.669	19
SANGALHOS	10	8	2	886-763	18
Atlético	11	7	4	958-922	18
Barreirense	11	6	5	924.877	17
Benfica	11	6	5	989.942	17
Olivais	11	6	5	971.977	17
SLO/Grundig	11	5	6	1031.990	16
Ginásio	10	5	5	882.871	15
Algés	11	2	9	725.981	13
Sport	11	1	10	696-1002	12
Cdul	10	0	10	597.940	10

A segunda volta terá início no próximo fim-de-semana, disputando-se os seguintes jogos:

Sábado — Sport — SLO/Grundig, Olivais — Algés, Benfica — Barreirense, Ginásio — Sporting, Cdul — SANGALHOS e Atlético — Porto.

Domingo — Ginásio — Barreirense, Olivais — SLO/Grundig, Sport — Algés, Benfica — Sporting, Atlético — SANGALHOS e Cdul — Porto.

II DIVISÃO — ZONA NORTE

Resultados da 20.ª jornada

Académica — Ac.º Porto	55.83
Cdup — GALITOS	87.54
Leça — Guifões	94.99
Salesianos — Vilanovense	40.59
Ac.º Coimbra — Naval	93.69
Vasco da Gama — ILLIABUM	74-63

Resultados da 21.ª jornada

Vilanovense — Ac.º Coimbra ...	79-82
Guifões — Académica	75.72
ILLIABUM — Leça	82.44
GALITOS — Vasco da Gama ...	50.54
OVARENSE — Salesianos	77.37
Naval — Cdup	70.61

O campeonato prossegue, com o seguinte programa:

Sábado — Académica — ILLIABUM, Vasco da Gama — Naval, Leça — GALITOS, Académico do Porto — Guifões, Cdup — Vilanovense e Académico de Coimbra — OVARENSE.

Domingo — Académico do Porto — ILLIABUM, GALITOS — Académica, Vilanovense — Vasco da Gama, OVARENSE — Cdup, Salesianos — Académico de Coimbra e Naval — Leça.

III DIVISÃO — ZONA NORTE

Resultados da 8.ª jornada

SÉRIE A

Leixões — Educação Física ...	130.39
F.º d'Holanda — Sp. Covilhã	67.55
Oliveira Douro — Beirões	126-66
Joarsan — SANJOANENSE ...	72-77

SÉRIE B-1

ESGUEIRA — Fluvial	74.82
Sp. Figueirense — Gaia	(a)

SÉRIE B-2

Coimbrões — Desp. Leça	63.113
BEIRA-MAR — Visar	92.77
Bairro Latino — Desp. Covilhã	D - V

(a) — resultado que não conseguimos apurar.

No próximo fim-de-semana, como de costume, haverá jogos (ao sábado), cumprindo-se este calendário:

Série A — Sporting da Covilhã — Leixões, Educação Física — Joarsan, Beirões — Francisco d'Holanda, e SANJOANENSE — Oliveira do Douro. **Série B-1** — Fluvial — Sporting Figueirense e C. P. Matosinhos — Taurino. **Série B-2** — Visar — Coimbrões, e Desportivo da Covilhã — BEIRA-MAR.

FUTEBOL

Beira-Mar — Boavista

merecimento — pois foi a equipa que, ao longo dos noventa minutos, criou maior número de ensejos para golo. Boas estreias em 1980... com saboroso triunfo, mais para festejar dado que foi obtido diante dum «Boavista», equipa forte, que em Aveiro comprovou ser equipa de nível europeu, exibindo credenciais que avalizam as suas aspirações à conquista de posto que lhe garanta a participação em prova europeia. Em suma, um adversário que lutou sempre e vendeu cara a derrota, valorizando, pelo seu inconformismo, o êxito dos beiramarenses.

Êxito tangencial, expresso num golo solitário — mas que, em nosso entender, estaria mais certo se expresso por 4-2 (se lembrarmos as oportunidades criadas e não convertidas pelas duas turmas — designadamente nos lances salvos, na linha de baliza, por Babalito, aos 44 e 62 m., e por Sabú, aos 22 m., e do remate de Almeida, aos 13 m., que levou a bola a embater na base dum dos postes da baliza de Zé Beto).

O árbitro esteve francamente bem, com trabalho atento, sóbrio e seguro — em que, contudo, houve dois lapsos. Nemésio de Castro pecou, por exagero, no «amarelo» que mostrou a Almeida; e, por defeito, quando deixou de exibir o cartão (que fez menção de tirar do bolso...) a Óscar, aos 52 m., quando o jogador do Boavista rasteirou Cansado, para impedir perigosa incursão do defesa beiramarense.

Sumário Distrital

ZONA B — Arrifanense, 8 pontos. Cortegaça, 8. Feirense, 7. Lamas, 6. S. João de Ver, 6. Valecambrense, 5. Cesarense, 5. Paços de Brandão, 3.

ZONA C — Cucujães, 9 pontos. Estarreja, 8. Nogueirense, 6. Bustelo, 6. Valonguense, 5. Pessegueirense, 5. Alba, 5. S. Roque, 4.

ZONA D — Recreio de Águeda, 9 pontos. Pampilhosa, 7. Mealhada, 7. Beira-Mar, 7. Vista-Alegre, 7. Gafanha, 5. Mamarrosa, 3. Fermentelos, 3.

As turmas do Sanguedo, Arouca e Argoncilhe tinham menos um jogo que as restantes.

JUVENIS

Após a 8.ª jornada.

ZONA A — Feirense, 23 pontos. Sanjoanense, 21. Cortegaça, 20. Paços de Brandão, 16. Espinho, 14. Fiães, 14. Valecambrense, 13. Arrifanense, 13. Cesarense, 11. Milheiroense, 10.

ZONA B — Oliveirense, 18 pontos. Alba, 18. Avanca, 17. Ovarense, 17. Estarreja, 15. Pinheirense, 14. Nogueirense, 11. Cucujães, 9. S. Roque, 7.

ZONA C — Anadia, 24 pontos. Recreio de Águeda, 22. Beira-Mar, 20. Oliveira do Bairro, 18. Mealhada, 17. Eixense, 14. Bustos, 14. Luso, 11. Fermentelos, 11. Carmo, 8.

As turmas do Cortegaça e do Espinho tinham menos um jogo que as restantes; e, na Zona B, só o Pinheirense já tinha actuado oito vezes, enquanto os outros grupos só contavam sete desafios.

INICIADOS

Após a 3.ª jornada:

ZONA A — Cortegaça, 9 pontos. Feirense, 7. Espinho, 7. Sanjoanense, 6. Lamas, 6. Fiães, 5. Arrifanense, 5. Avanca, 3.

ZONA B — Alba, 8 pontos. Bustelo, 8. Beira-Mar, 5. Anadia, 5. S. Roque, 5. Recreio de Águeda, 3. Estarreja, 2.

As turmas do Beira-Mar, Anadia e Estarreja tinham menos um jogo que as restantes.

XADREZ DE NOTICIAS

Realizaram-se, no passado fim-de-semana, nesta cidade, organizadas pela Associação de Natação de Aveiro, duas competições — a fase regional do Campeonato de Portugal de Clubes e a «Operação 200 Metros-Livres» — cujos resultados divulgaremos na próxima edição do LITORAL.

Igualmente para esse número deste jornal, teve de ficar um apontamento referente à tradicional festa de confraternização que todos os anos se realiza, por iniciativa dos basquetebolistas que representaram o Galitos, em infantis e juniores, na época de 1955-56.

Integrada nas comemorações do I Centenário da sua fundação, o Corpo de Bombeiros Privativos da Fábrica da Vista-Alegre leva a efeito, com a colaboração da Associação de Atletismo de Aveiro, a competição **Grande Prémio da Vista-Alegre**, no próximo dia 20 (domingo), a partir das 9.30 horas — englobando corridas em cinco escalões etários.

Os campeonatos nacionais de futebol têm, este fim-de-semana, nova paragem, para dar lugar a nova eliminatória da «Taça de Portugal», já nos seus 1/16 de final (em que temos duas turmas do nosso Distrito, nos desafios BEIRA-MAR — Atlético de Arcos de Valdevez e Comércio e Indústria — UNIÃO DE LAMAS).

Aproveitando a «folga» forçada (pois os grupos foram já afastados da Taça), OLIVEIRA DO BAIRRO e Académico de Coimbra vão defrontar-se, no domingo, em jogo-repetição — aguardado com enorme expectativa — válido para a Zona Centro do Campeonato Nacional da II Divisão, depois de ter sido julgado procedente o protesto dos bairradinos alusivo ao desafio em que a turma de Coimbra ganhara, por 3-2.

Com vista à preparação das equipas nacionais que vão disputar, em Fevereiro, os jogos Escócia — Portugal, o beiramarense Nelson Moutinho foi convocado para os treinos da Selecção de Esperanças.

Totobolando

PROGNÓSTICOS DO CONCURSO N.º 22 DO «TOTOBOLA»

20 de Janeiro de 1980

1 — Setúbal — Benfica	2
2 — Rio Ave — Portimonense	1
3 — Porto — Braga	1
4 — Beira-Mar — Espinho	1
5 — Guimarães — Boavista	X
6 — U. Leiria — Varzim	1
7 — Estoril — Sporting	2
8 — Belenenses — Marítimo	1
9 — Fafe — Amarante	1
10 — Mangualde — Oliveirense	X
11 — U. Tomar — Ac. Viseu	2
12 — C. Piedade — Nacional	1
13 — Sacavenense — Amora	1

AVEIRO NOS NACIONAIS

III DIVISÃO

Resultados da 13.ª jornada

Série B

VALECAMBRENSE — Vila Real	0.1
PAÇOS BRANDÃO — Infesta	1.1
ESMORIZ — Valadares	2.1
Leça — Vilanovense	0.0
Ermesinde — AVANCA	5-1
Freamunde — SANJOANENSE ...	0-1
Aliados — Tirsense	0.1
Lamego — Valonguense	2.1

Série C

Marialvas — Tondela	3.0
ALBA — Guarda	1.1
ANADIA — Viseu e Benfica	0.1
RECDREIO — Vildemoinhos	2.0
Penalva — Guiense	3-2
Febres — Teixosense	0.0
Fornos — Tocha	0.0
Ançã — Carapinheirense	2.1

Classificações

Série B — SANJOANENSE e Ermesinde, 20 pontos. ESMORIZ, 18. Vila Real, 16. Tirsense e Valadares, 15. Infesta e PAÇOS DE BRANDÃO, 14. Vilanovense e Lamego, 13. Leça e Freamunde, 12. Valonguense, 11. AVANCA e Aliados, de Lordelo, 5. VALECAMBRENSE, 4.

Série C — RECREIO DE ÁGUEDA e Viseu e Benfica, 22 pontos. Marialvas, 21. ANADIA, 15. Penalva do Castelo, 14. ALBA e Lusitano de Vildemoinhos, 13. Guarda, Ançã e Tondela, 12. Guiense e Febres, 11. Fornos de Algodres, 9. Tocha e Carapinheirense, 8. Teixosense, 5.

ANDEBOL de SETE

II DIVISÃO — ZONA NORTE

Resultados da 11.ª jornada

Bairro Latino — F.º d'Holanda	21.27
Sp. Braga — V. Guimarães	12.10
Gaia — OLEIROS	39.24
Cdup — Vila Real	31-16
Fermentões — Ac.º Braga	(a)

(a) — resultado que não conseguimos apurar.

As turmas do Cdup e do Desportivo Francisco d'Holanda continuam igualadas, no comando, totalizado 30 potos.

Torneio do Beira-Mar

mios (cujo significado desnecessário se torna relevar): Taça Disciplina — Académica de Águeda; Melhor Marcador — José Alberto (Académica de Águeda), com 19 golos; Melhor Guarda-redes — Luís Oliveira (Amoníaco). Melhor Jogador do Torneio — Paulo Vidal (Amoníaco).

Nota final, para referir que os jogos foram arbitrados por Carlos Duarte, Carlos Teles e Vítor Candeias, todos juniores do Beira-Mar.

PERDEU-SE

— em Aveiro, ou Ílhavo, um alfinete de medalhão, em ouro, com franja e pedras de várias cores. Dão-se alvíssaras a quem o entregar. Resposta ao telef. 23592.

DAR SANGUE É UM DEVER

Serviços Municipalizados de Aveiro

EDITAL

DR. JOSÉ GIRÃO PEREIRA, Presidente do Conselho de Administração dos Serviços Municipalizados de Aveiro:

Faz saber que a partir das leituras dos respectivos contadores a efectuar no próximo mês de Janeiro, entrarão em vigor as alterações introduzidas no «Regulamento do Serviço de Abastecimento de Água ao Concelho de Aveiro» abaixo indicadas, que foram aprovadas por Portaria de 13 do corrente do Senhor Secretário de Estado de Habitação e Urbanismo:

PARTE II

DISPOSIÇÕES ESPECIAIS

CAPITULO IX

Rendimento colectável — limite e escalões de consumo mensal obrigatório

— Tarifas —

ART.º 89.º — Os Serviços Municipalizados da Câmara Municipal de Aveiro são a entidade responsável pelo fornecimento de água da Cidade de Aveiro e das freguesias rurais do concelho onde venha a instalar-se a rede de distribuição domiciliária.

ART.º 90.º — O rendimento colectável — limite a que se referem os artigos 5.º e 6.º da Parte I «Disposições Gerais» deste Regulamento é fixado em 200$00 pelo que nos prédios com rendimento colectável igual ou superior a este valor são obrigatórios:

— A instalação da rede de distribuição interior e a sua ligação à rede pública, que competem aos proprietários ou usufrutuários.

— O pagamento de água sujeito ao mínimo de consumo mensal, que compete aos ocupantes.

— Nos prédios com rendimento colectável inferior àquele valor-limite, o consumo de água para usos domésticos é gratuito, sendo a distribuição feita por fontenários ou chafarizes para esse fim instalados.

ART.º 91.º — Para garantia do equilíbrio económico da exploração é fixado o consumo mensal mínimo obrigatório de 3 m3 para todos os consumidores.

ART.º 92.º — As tarifas de venda de água no concelho serão de acordo com as categorias dos consumidores e escalões de consumo, as seguintes:

1 — Consumidores particulares

1.1. — Consumo doméstico

T1 — De 0 a 5m3 ... 6$50 por cada m3
T2 — De 5 a 10m3 ... 9$00 por cada m3
T3 — De 10 a 15m3 ... 12$50 por cada m3
T4 — De 15 a 25m3 ... 20$00 por cada m3
T5 — Mais de 25m3 ... 30$00 por cada m3

1.2. — Estabelecimentos comerciais, escritórios ou outros semelhantes — 9$00 por cada m3

1.3. — Estabelecimentos industriais — 7$50 por cada m3

1.4. — Instituições de beneficência, agremiações culturais e desportivas e colectividades de interesse público — 6$50 por cada m3

2 — Consumidores oficiais

2.1. — Serviços de Estado, 9$00 por cada m3

2.2. — Serviços dos Corpos Administrativos, 6$50 por cada m3

ART.º 93.º — Serão os seguintes os valores das diversas taxas a que se refere a Parte I «Disposições Gerais» deste Regulamento:

a) — De ensaios das canalizações interiores
— Até 5 dispositivos de utilização .... 100$00
— De 6 a 20 dispositivos de utilização .... 200$00
— Superior a 20 dispositivos de utilização .... 500$00

b) — De ligação da rede interior à rede pública .... 30$00

c) — De colocação e reaferição de contadores:
— De colocação .... 50$00
— De reaferição .... 100$00

d) — De aluguer mensal de contadores:
— Calibre até 15mm .... 10$00
— Calibre de 20mm .... 13$00
— Calibre de 25mm .... 15$00
— Calibre de 30mm .... 26$00
— Calibre de 40mm .... 35$00
— Calibre de 50mm .... 50$00

Para maiores calibres o preço será fixado, para cada caso, pela entidade responsável pelo Serviço, não podendo exceder 2,25% do custo do contador e seus acessórios.

ART.º 94.º — As receitas líquidas da venda de água serão aplicadas na amortização, conservação, melhoramento e ampliação das instalações de abastecimento de água existente e no estabelecimento de água em localidades concelhias que delas ainda não disponham e ainda na construção de rede de esgoto.

As receitas resultantes do aluguer de contadores serão aplicadas na reparação e conservação dos que estejam em serviço e na aquisição de novos aparelhos de medida.

O remanescente será destinado à conservação das obras a que se refere a primeira parte deste artigo.

ART.º 95.º — Verificando-se o previsto no artigo 51.º, serão montados gratuitamente ou pagos a prestações os ramais de ligação que os proprietários ou usufrutuários dos prédios com rendimento colectável inferior ao valor-limite indicado no artigo 90.º venham a requerer, ao abrigo do § 4.º do artigo 6.º deste Regulamento.

Para constar e devidos efeitos se publica o presente edital e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares públicos do costume.

E eu, João Dias de Sousa, 1.º oficial, servindo de Chefe dos Serviços Administrativos, o subscrevi.

Secretaria dos Serviços Municipalizados de Aveiro, 28 de Dezembro de 1979

O PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO,

a) — **José Girão Pereira**

SECRETARIA NOTARIAL DE AVEIRO

Segundo Cartório

CERTIFICO, para efeitos de publicação, que por escritura de 7 de Dezembro de 1979, inserta de fls. 24 a 25, do livro de escrituras diversas N.º D-35, deste Cartório, foi constituida uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, nos termos dos artigos seguintes:

1.º — A sociedade adopta a denominação de «AVEIEX-PORT-SOCIEDADE DE REPRESENTAÇÕES E EXPORTAÇÃO, LIMITADA», fica com a sede no lugar do Bonsucesso, freguesia de Aradas, deste concelho; e durará por tempo indeterminado, a contar de hoje.

2.º — O objecto da sociedade é o comércio de importação, exportação e representações, podendo exercer qualquer outra actividade comercial ou industrial, por simples deliberação tomada em assembleia geral.

3.º — 1 — O capital social, inteiramente realizado em dinheiro, já entrado na Caixa Social é de 200.000$00, dividido em duas quotas de 100.000$00, pertencendo uma a cada um dos sócios, António Marques da Silva e José Lopes Marques.

2 — Fica prevista a possibilidade de virem a ser exigidas prestações suplementares de capital, quando deliberadas por unanimidade de votos correspondentes ao capital social.

4.º — 1 — A gerência social, dispensada de caução e remunerada ou não, conforme for deliberado em assembleia geral, fica afecta a todos os sócios.

2 — Qualquer dos sócios gerentes poderá delegar, por meio de procuração, noutro sócio ou mesmo em pessoa estranha à sociedade, os seus poderes de gerência, devendo neste último caso, obter a prévia aquiescência da assembleia geral.

5.º — Para obrigar a sociedade será necessária a assinatura de dois gerentes ou dos seus mandatários.

6.º — As cessões de quotas entre sócios são livres, mas a favor de estranhos carecem do consentimento de quem mais for sócio.

7.º — Salvo nos casos em que a lei imponha outras formalidades, as assembleias gerais serão convocadas apenas por cartas registadas, expedidas com a antecedência mínima de 8 dias.

ESTÁ CONFORME AO ORIGINAL.

Aveiro, 11 de Dezembro de 1979

O Ajudante,

a) — **José Fernandes Campos**

LITORAL - Aveiro, 11/1/80 — N.º 1279

Campeonato Nacional da I Divisão

ARQUIVO

Resultados da 15.ª jornada

Jogo	Resultado
Estoril — Belenenses	1-1
U. Leiria — Sporting	1.2
V. Guimarães — Varzim	2.2
BEIRA-MAR — Boavista	1.0
Porto — ESPINHO	3.0
Rio Ave — Braga	1.0
V. Setúbal — Portimonense	4-0
Benfica — Marítimo	4-0

Tabela de pontos

	J	V	E	D	Bolas	P
Sporting	15	12	1	2	35.12	25
Porto	15	11	3	1	29.4	25
Benfica	15	11	2	2	39.10	24
Belenenses	15	8	4	3	15.13	20
Boavista	15	7	3	5	25.16	17
V. Guimarães	15	5	7	3	17.17	17
ESPINHO	15	5	4	6	12-24	14
Varzim	15	5	3	7	18.22	13
Braga	15	5	3	7	19.20	13
Estoril	14	2	8	4	9.14	12
V. Setúbal	15	5	2	8	19.23	12
Marítimo	13	3	5	5	7.18	11
U. Leiria	15	3	4	8	18.23	10
Portimonense	14	3	3	8	8.27	9
BEIRA-MAR	15	3	3	9	13-22	9
Rio Ave	15	2	1	12	10.27	5

Próxima jornada — dias 19 e 20

V. Setúbal — Benfica (1.5)
Rio Ave — Portimonense (1.2)
Porto — Braga (2.0)
BEIRA-MAR — ESPINHO (1.2)
V. Guimarães — Boavista (0-0)
U. Leiria — Varzim (2-4)
Estoril — Sporting (0.2)
Belenenses — Marítimo (0.0)

Boas entradas... no Ano Novo!

BEIRA-MAR, 1 BOAVISTA, 0

Jogo no Estádio de Mário Duarte, sob arbitragem do sr. Nemésio de Castro, auxiliado pelos srs. Fernando Vilas (bancada) e Joaquim Moreira (superior) — equipa da Comissão Distrital de Lisboa.

Os grupos formaram deste modo:

BEIRA-MAR — Zé Beto; Manecas, Cansado, Sabú e Teixeirinha; Veloso, Cremildo e Germano; Niromar, Nelson Moutinho e Jairo (Lechaba, aos 75 m.).

BOAVISTA — Matos; Babalito, Adão, Artur e Taí; Eliseu, Almeida (Óscar, aos 46 m.) e Ailton; Moinhos (Jarbas, aos 70 m.), Júlio e Folha.

Suplentes não utilizados — Peres, Lima, Leonel e Silva, no Beira-Mar; e Nunes, Mário João e Queiró, no Boavista.

Acção disciplinar — Aos 27 m., o árbitro mostrou cartão «amarelo» ao axadrezado Almeida, num lance em que este jogador ficou sem uma bota, depois de ter pontapeado a bola.

Marcador — Aos 35 m., na marcação de um livre (a punir falta de Adão sobre Niromar), GERMANO atirou forte, colocado, a meia-altura, batendo o guarda-redes boavisteiro. Assinale-se que o castigo foi apontado a cerca de quarenta **metros da baliza** — bastante longe, portanto —, ficando a ideia de que Matos foi mal batido (fez-se tarde ao lance), apesar da força e da colocação do remate de Germano.

•

Assistimos, no domingo, a magnífico jogo de campeonato, em que houve luta ardorosa, constante, sempre pautada por uma correcção que tem de relevar-se — até porque o calor e o entusiasmo com que os jogadores actuaram propiciou diversos despiques «corpo-a-corpo», onde poderia haver — mas não houve nunca! — jogo «subterrâneo».

A esta nota elevada, no capítulo disciplinar, temos de juntar também notas francamente positivas no que concerne ao nível de futebol praticado pelas duas equipas. Beira-Mar e Boavista exibiram, ao lado de grande estofo físico, futebol do melhor quilate, do melhor que temos visto nos últimos tempos. E houve jogadores, dos dois campos, que rubricaram exibições memoráveis — designadamente Sabú, Niromar, Cremildo e Germano (entre os auri-negros) e Artur e Eliseu (entre os axadrezados).

O Beira-Mar obteve precioso êxito, iniciando o Ano Novo com a conquista de dois pontos de que muito carecia. Com inteiro mérito, com irrefragável

Continua na página 6

Torneio de Natal (INICIADOS) do BEIRA-MAR

Como noticiámos, o Beira-Mar organizou — com apoio da Comissão Técnica Regional —, nos dias 28 e 29 de Dezembro findo, um **Torneio de Natal,** para equipas de iniciados.

Na falta, à última hora, da turma do Monte (Murtosa), formou-se um grupo misto, com jogadores dos outros clubes presentes, que foram o Amoníaco (Estarreja), a Académica de Águeda e o Beira-Mar — apurando-se, no final, a seguinte classificação: 1.º — Amoníaco. 2.º — Académica de Águeda. 3.º — Beira-Mar. 4.º — Misto.

Os jogos, que decorreram com interesse e atingiram nível assinalável, proporcionaram estes desfechos:

1.ª jornada — Amoníaco, 17 — Misto, 6 e Académica de Águeda, 27 — Beira-Mar, 24. **2.ª jornada** — Beira-Mar, 23 — Misto, 21 e Amoníaco, 22 — Académica de Águeda, 16.

Foram atribuídos os seguintes pré-

Continua na página 6

ANDEBOL DE SETE

CAMPEONATOS NACIONAIS
I DIVISÃO — ZONA NORTE

Resultados da 14.ª jornada

Jogo	Resultado
Desp. Portugal — BEIRA-MAR	24.20
S. BERNARDO — Ac. S. Mam.	19.21
Académico — Desp. Póvoa	20.18
Espinho — Padroense	25.19
Porto — Académica	38-18
Maia — Vilanovense	23-17

Resultados da 15.ª jornada

Jogo	Resultado
Ac.ª S. Mamede — Espinho	19.18
S. BERNARDO — D. Portugal	25.25
Desp. Póvoa — BEIRA-MAR	24.23
Padroense — Maia	15.15
Vilanovense — Porto	23.39
Académica — Académico	15-13

Jogo em atraso

Espinho — Vilanovense 39-17

Classificação actual

	J	V	E	D	Bolas	P
Porto	15	15	0	0	531.269	45
Ac.ª S. Mamede	15	12	1	2	341-296	40
Desp. Portugal	15	8	3	4	315-284	34
Espinho	15	9	0	6	363.322	33
Académico	15	8	1	6	306.312	32
Maia	14	7	2	5	292.302	30
Padroense	15	6	1	8	293.291	28
Desp. Póvoa	15	5	3	7	298.354	28
S. BERNARDO	15	5	2	8	308.343	27
Académica	14	4	0	10	265-340	22
BEIRA-MAR	15	2	0	13	296.381	19
Vilanovense	15	1	1	13	282.387	18

Amanhã (sábado) disputam-se os encontros da décima sexta jornada, que são os que adiante indicamos:

Desportivo de Portugal — Desportivo da Póvoa, Espinho — S. BERNARDO, BEIRA-MAR — Académica, Maia — Académica de S. Mamede, Académico — Vilanovense e Porto — Padroense.

Continua na página 6

Registo dos CAMPEONATOS NACIONAIS

Os clubes aveirenses, no passado fim-de-semana, cumprindo os respectivos calendários, tiveram comportamentos diferentes: assim, na I Divisão, o SANGALHOS coleccionou mais dois excelentes triunfos, que o colocam em boa posição, com vista à passagem para a «poule» decisiva da prova; na II Divisão, a OVARENSE (que cumpriu o seu dia de folga) triunfou na partida que realizou, o ILLIABUM alternou derrota (fora) com vitória (em casa) e o GALITOS continua a somar inêxitos; e, na III Divisão, SANJOANENSE e BEIRA-MAR (que continua vitorioso cem por cento) conquistaram triunfos, enquanto o ESGUEIRA foi, de novo, desfeiteado em Aveiro.

Eis os resultados e classificações (apenas do torneio principal):

I DIVISÃO

Resultados da 9.ª jornada

Jogo	Resultado
Ginásio — Algés	95-53
Cdul — Sport	70-75
Atlético — Olivais	95.87
Benfica — SLO/Grundig	111.108
SANGALHOS — Barreirense	75.66
Porto — Sporting	93.91

Resultados da 10.ª jornada

Jogo	Resultado
Ginásio — SLO/Grundig	108.105
Cdul — Olivais	80-88

Continua na página 6

SUMÁRIO DISTRITAL

Dificuldades intransponíveis, na actual fase de feitura deste semanário, têm impedido o LITORAL de acompanhar, em cima da hora, o curso normal dos diversos campeonatos distritais da Associação de Futebol de Aveiro. Por esse motivo, a presente rubrica tem vindo a publicar-se de modo irregular (e incompleto) — bem contra nossa vontade.

No apontamento que hoje trazemos aos leitores, no intuito de os pôr em dia relativamente às provas da A.F.A., indicamos as classificações dos vários torneios em curso, no final do ano de 1979 (nos dias 29 e 30 de Dezembro) — na impossibilidade de considerarmos já os desafios do passado fim-de-semana, cujos desfechos (na íntegra e devidamente confirmados e homologados) só chegam ao nosso conhecimento depois de composto e impresso este jornal...

Assim, passamos a indicar:

I DIVISÃO

Após a 15.ª jornada:

Estarreja, 40 pontos. Ovarense, 39. Cucujães, 34. Luso, 32. Cesarense, 32. Cortegaça, 30. S. Roque, 30. Arrifanense, 29 Mealhada, 29. Pampilhosa, 28. Valonguense, 28. Alvarenga, 28. S. João de Ver, 27. Bustelo, 26. Nogueirense, 25. Fajões, 25. Sôsense, 25. Paivense, 23. Milheiroense, 23.

As turmas do Cesarense, Arrifanense, Bustelo, Nogueirense, Fajões e Paivense tinham menos um jogo que as restantes.

II DIVISÃO

Após a 9.ª jornada:

ZONA A — Arouca, 23 pontos. Carregosense, 23. Romariz, 22. Macinhatense, 20. Pinheirense, 19. Pigeirós, 19. Pessegueirense,18. Tarei, 18. Relâmpago Nogueirense, 17. Gafanha, 17. Lobão, 16. Sanguedo, 14. Eixense, 12. Bom-Sucesso, 10.

ZONA B — Aguinense, 23 pontos. Vista-Alegre, 22. Barrô, 21. Oliveirinha, 21. Bustos, 20. Mamarrosa, 19. Poutena, 18. Pedralva, 17. Barcouço, 17. Antes, 16. Fermentelos, 15. Troviscalense, 15. Fogueira, 13. S. Lourenço, 11.

As turmas do Pessegueirense, Lobão, Vista-Alegre e Poutena, tinham menos um jogo que as restantes.

III DIVISÃO

Após a 5.ª jornada:

ZONA A — Vila Viçosa, 14 pontos. Quintãs, 12. Gafanha da Encarnação, 11. Paradela do Vouga, 11. Argoncilhe, 10. Ribeirinhos, 9. Beira-Vouga, 8. Guisande, 7. Mosteiró, 7. Carmo, 7. Travassô, 7. Eirolense, 6. Beira-Ria, 3.

ZONA B — Famalicão, 14 pontos. Canedo, 13. Vaguense, 13. Águas Boas, 13. Grada, 12. Aguada de Cima, 12. Paredes do Bairro, 9. Vilarinho do Bairro, 9. Tamengos, 8. Couvelha, 8. Samel, 8. Mogofores, 7. Amoreirense, 5. Calvão, 5.

As turmas do Argoncilhe, Ribeirinhos, Beira-Vouga, Guisande, Mosteiró, Eirolense, Couvelha e Mogofores tinham menos um jogo que as restantes; e o Beira-Ria contava com menos dois jogos.

JUNIORES

Após a 3.ª jornada:

ZONA A — Lobão, 7 pontos. Paivense, 7. Sanguedo, 6. Relâmpago Nogueirense, 5. Arouca, 4. Argoncilhe, 4. Romariz, 3.

Continua na página 6

AVEIRO *nos* NACIONAIS

II DIVISÃO

Resultados da 13.ª jornada

Zona Norte

Jogo	Resultado
Salgueiros — Bragança	0.0
Famalicão — Penafiel	1.2
FEIRENSE — Paços Ferreira	1.0
LUSITANIA — Prado	0.0
Gil Vicente — LAMAS	4-3
Amarante — Riopele	1-0
Paredes — Fafe	2.1
Chaves — Leixões	3.2

Zona Centro

Jogo	Resultado
Torriense — Nazarenos	4.2
U. Santarém — Ac.º Coimbra	1.1
OLIVEIRENSE — Naval	2.0
Portalegrense — Mangualde	2.0
Covilhã — Estrela	0-0
Ac.º Viseu — OLIV. BAIRRO	2-0
U. Coimbra — U. Tomar	1.2
Caldas — Alcobaça	2.0

Classificações

Zona Norte — Penafiel, 18 pontos. Riopele e Fafe, 16. Leixões, Amarante e Gil Vicente, 15. LAMAS, e Chaves, 14. Paços de Ferreira e FEIRENSE, 12. LUSITANIA DE LOUROSA, Bragança e Famalicão, 11. Prado, 10. Salguiros, 9. Paredes, 8.

Zona Centro — Académico de Coimbra, 21 pontos. Académico de Viseu, 19. OLIVEIRA DO BAIRRO e Nazarenos, 16. OLIVEIRENSE, 15. Covilhã e Caldas, 14. Estrela de Portalegre, 13. Portalegrense e Torriense, 12. União de Tomar, 11. União de Coimbra e Ginásio de Alcabaça, 10. Mangualde e União de Santarém, 9. Naval 1.º de Maio, 5.

Continua na página 6

XADREZ DE NOTÍCIAS

Com diminuto número de presentes (apenas cinco dos 640 associados), realizou-se, em 28 de Dezembro, a anunciada reunião promovida pela Direcção da Secção de Campismo do Clube dos Galitos, que se encontrava demissionária e acabou por entregar as respectivas chaves e o seu património à Direcção do Clube, depois de verificada a impossibilidade, naquela altura, de se formar novo elenco directivo.

O prestigioso Sangalhos Desporto Clube encontra-se empenhado em apresentar, esta época, uma forte equipa de ciclismo. Assim, os bairradinos — com Américo Santiago e Celestino de Oliveira na chefia da Secção e com Herculano de Oliveira como técnico — asseguraram o concurso dos «seniores-A» Floriano Mendes, Herculano Silva, Rui Azevedo e Luís Gregório (todos de épocas anteriores) e ainda de José Amaro, António Brás, Manuel Oliveira e José Rosa.

E, em «seniores-B», os sangalhenses contam com vasto lote de ciclistas: Carlos Pires, Vasco Silva, José Ribeiro, António Pires, António Jesus, Eduardo Correia, Manuel Gomes, Adriano Pedro e Carlos Costa.

Nos dias 12 e 13 (sábado e domingo), a Secção Columbófila da Casa do Povo de Esgueira organiza, no salão da sua sede, uma Exposição-Concurso Distrital de Pombos Correios — certame que está a concitar muito interesse.

Continua na página 6

Litoral
AVEIRO, 11 DE
ANO XXVI

Exmº Senhor
João Sarabando
AVEIRO